

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTISTICA

Temporada 2004

Cappella della
Pietà de' Turchini

Antonio Florio

Regência



SOCA

Telefônica, patrocinadora da
Sociedade de Cultura Artística.

TELEFONIA FIXA
INTERNET
SOLUÇÕES PARA
EMPRESAS
GUIAS DE PRODUTOS
E SERVIÇOS
CONTACT CENTER
PESQUISA E
DESENVOLVIMENTO
ENGENHARIA DE
SEGURANÇA
FUNDAÇÃO

www.telefonica.com.br

Telefônica

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Temporada 2004

Cappella della Pietà de' Turchini

Antonio Florio

Regência

Ministero degli Affari Esteri
Ministero per i Beni e le Attività Culturali
CIDIM – Comitato Nazionale Italiano
Musica – CIM/UNESCO

Embaixada da Itália no Brasil
Consulado Geral da Itália em São Paulo
Instituto Italiano de Cultura de São Paulo



patrocínio





Cappella della Pietà de'Turchini

Fundado em 1987, por Antonio Florio, o conjunto *Cappella della Pietà de'Turchini* é formado por instrumentistas e cantores especializados na execução do repertório musical napolitano dos séculos XVI, XVII e XVIII. Liderados por seu fundador e regente, esses musicistas permitiram a encantadora "redescoberta" de compositores notáveis desse período e dessa região, como Provenzale, Trabaci, Nola, Netti, Caresana e Sabino, dentre outros.

A originalidade dos programas que oferece ao público e o mais escrupuloso respeito pela execução barroca fizeram da *Cappella* uma das jóias da vida musical italiana e européia. Pouco tempo após a sua fundação, o conjunto passou a ser regularmente convidado a participar de importantes eventos musicais, como o Festival Monteverdiano de Cremona, os Festivais de Versailles, Nancy, Nantes, Metz, Caen, Lisboa, Marselha, Ambronay e Utrecht, o Festival de Outono de Madri, o Festival de Música Antiga de Tel-Aviv, o Festival de Schleswig-Holstein e o Festival da Valônia de Bruxelas, bem como a apresentar-se em prestigiosas salas de música, como a *Accademia Filarmonica Romana*, a *Accademia di Santa Cecilia* de Roma, o teatro da *Cité de la Musique* de Paris, a sala da *Fundació La Caixa* e o *Palau de la Musica*, de Barcelona, o *Teatro Lope de Vega* de Sevilha, a *Konzerthaus* de Viena, o *Théâtre de La Monnaie* de Bruxelas, o auditório da *Fondation Royaumont* e a sede da Filarmônica de Berlim.

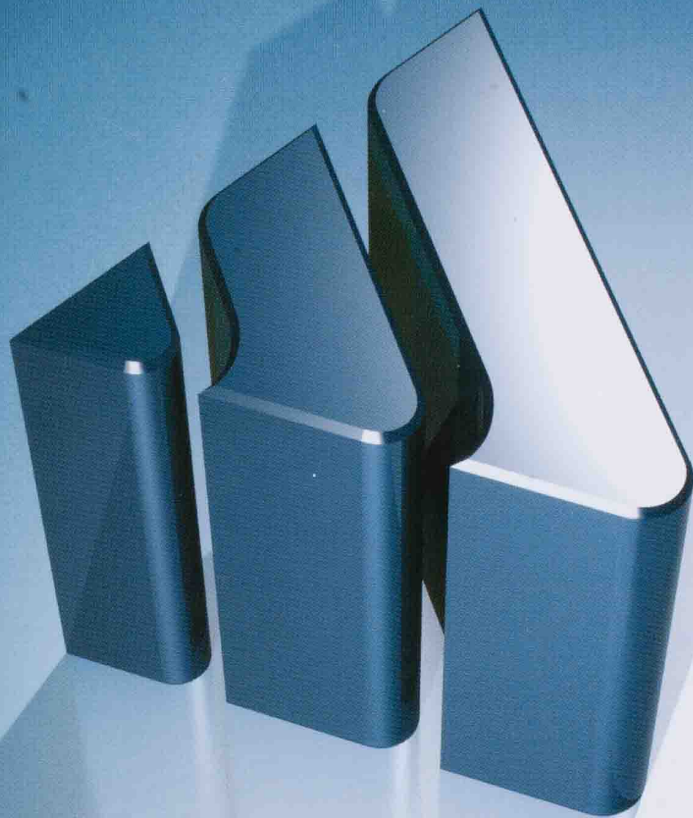
Dentre os compromissos artísticos recentes da *Cappella della Pietà de'Turchini* destacam-se temporadas líricas – Florio e seus músicos mostraram, com grande sucesso, as óperas *La Colomba Ferita*, de Provenzale, no *Teatro Arriaga* de Bilbao e no *Teatro de la Zarzuela* de Madri, e *La Finta Cameriera*, de Latilla, nos Teatros de Rennes, Paris e Lille – e sua participação no Festival de Saint-Denis, na França, como representantes oficiais da cidade de Nápoles, com os

espetáculos *Opera Buffa* e *La Colomba Ferita*, que apresentaram também na turnê que levou o grupo às cidades de Estrasburgo, Halle, La Coruña e Granada.

Além de suas atividades nas salas de concerto e nos palcos líricos, a *Cappella della Pietà de'Turchini* já gravou programas para a *Radio France*, para a Rádio da *BBC* de Londres e para emissoras de rádio da Bélgica, da Espanha, da Alemanha e da Áustria, bem como participou, em 1998, de um documentário para a televisão belga e de um filme totalmente dedicado à ópera-bufa, rodado para a emissora franco-alemã *Arte* e que conquistou o Prêmio UNESCO.

A *Cappella della Pietà de'Turchini* desenvolve ainda intensas atividades discográficas que resultaram, dentre outros, em 7 álbuns para o selo *Symphonia*, todos dedicados a obras do repertório barroco napolitano, e nos 13 CDs que formam a coleção Tesouros de Nápoles, registrada para a prestigiosa etiqueta *Opus 111* de Paris, para a qual o grupo grava desde 1996. A discografia do conjunto já foi distinguida com diversos e importantes prêmios, como o Prêmio de Disco do Ano, conferido pelo jornal francês *Le Monde*, o Prêmio *Choc de la Musique*, o Prêmio Vivaldi, da Fundação Cini de Veneza, o Prêmio Especial Franco Abbiati, da Associação Nacional de Críticos Musicais da Itália, e o *Diapason d'Or*.

<http://www.turchini.it/index.htm>



Votorantim

www.votorantim.com.br



Antonio Florio *Direção Musical e Regência*

Diretor Artístico e Presidente Honorário do *Centro di Musica Antica Pietà de'Turchini*, Antonio Florio diplomou-se em violoncelo e piano pelo Conservatório de Bari, sua cidade natal, posteriormente estudou composição, com Nino Rota e Francesco d'Avalos, e logo passou a dispensar especial atenção à interpretação da música barroca em instrumentos de época. Movido por esse interesse, em 1981 fundou o grupo *Il Fugitolio* e em 1987 criou o conjunto vocal e instrumental *La Cappella della Pietà de'Turchini*, com o qual vem se apresentando em prestigiosos festivais de música e teatros italianos e europeus, bem como tem realizado diversas e premiadas gravações.

Paralelamente a suas atividades nas salas de concerto, ao longo dos últimos dez anos Florio passou a dedicar-se também ao trabalho de pesquisa musicológica, o que o levou a explorar sobretudo o repertório da música napolitana dos séculos XVII e XVIII e a aprofundar-se no estudo das óperas de Francesco Provenzale: *Lo Schiavo di sua Moglie* (*Teatro Massimo* de Palermo), *La Colomba Ferita* (*Teatro San Carlo* de Nápoles, *Teatro Arriaga* de Bilbao e *Teatro de la Zarzuela* de Madri) e *La Stellidaura Vendicante* (*Teatro* de Bari). Dentre as produções líricas lideradas por Antonio Florio destacam-se ainda os seguintes títulos: *La Finta Cameriera*, de Gaetano Latilla (*Teatro* de Bari), *Li Zite'galera*, de Leonardo Vinci (*La Cité de la Musique* de Paris, *Teatro Comunale* de Ferrara, *Teatro Lope de Vega* de Sevilha e *Palau de la Musica* de Barcelona), *Pulcinella Vendicato nel Ritorno di Marechiaro*, de Paisiello (*Teatro San Carlo* de Nápoles e *Teatro Rosalba Castro* de La Coruña), e apresentações de *La Serva Padrona* e do *Stabat Mater*, de Pergolesi, com a Orquestra Real da Galiza, em Santiago de Compostela.

Professor Titular da Cátedra de Música de Câmara do Conservatório *San Pietro de Majella di Napoli*, Antonio Florio dedica-se intensamente a atividades de ensino, dirigindo seminários e liderando *master classes* de música vocal barroca e de música de câmara no *Centre de Musique Baroque* de Versalhes, na *Fondation Royaumont* e no Conservatório de Toulouse.

<http://www.turchini.it/index.htm>

Cappella della Pietà de' Turchini
Antonio Florio *Direção Musical e Regência*



Maria Grazia Schiavo **Soprano**
Roberta Andalò **Soprano**
Giuseppe de Vittorio **Tenor**
Rosario Totaro **Tenor**
Giuseppe Naviglio **Barítono**

Primeiros Violinos

Alessandro Ciccolini
Rossella Croce
Paolo Cantamessa
Massimo Percivaldi:

Segundos Violinos

Patrizio Focardi
Nunzia Sorrentino
Rosario di Meglio (**também Viola**)

Violoncelos

Alberto Guerrero
Rebeca Ferri

Violone

Paolo Dionisio

Contrabaixo

Giorgio Sanvito

Violão

Ugo di Giovanni

Tiorba

Franco Pavan

Cravo

Patrizia Varone

Percussão

Massimiliano Dragoni

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Temporada 2004



6 e 7 de abril **Teatro Cultura Artística**
Maria João Pires e Ricardo Castro *Piano*

16, 17 e 19 de abril **Sala São Paulo**
Orquestra Filarmônica de Helsinque
Leif Segerstam *Regência*
Réka Szilvay *Violino*
Jan-Erik Gustafsson *Violoncelo*

10 e 11 de maio **Teatro Cultura Artística**
Trio di Milano *Piano, Violino e Violoncelo*

18 e 19 de maio **Teatro Cultura Artística**
Concerto Italiano
Rinaldo Alessandrini *Regência e Cravo Solista*

1 de junho **Teatro Cultura Artística**
Sergio Monteiro *Piano*

14 e 15 de junho **Teatro Cultura Artística**
Orquestra de Câmara de Viena
Joji Hattori *Regência e Violino Solista*

21 e 23 de junho **Teatro Cultura Artística**
Akademie für Alte Musik Berlin
David Daniels *Contratenor*

30 e 31 de agosto **Teatro Cultura Artística**
Lucerne Festival Strings
Achim Fiedler *Regência*
Mathieu Dufour *Flauta*

28 e 29 de setembro **Teatro Cultura Artística**
Cappella della Pietà de'Turchini
Antonio Florio *Regência*

1 e 2 de outubro **Sala São Paulo**
Les Arts Florissants
William Christie *Regência*

16 e 17 de outubro **Sala São Paulo**
Orquestra Sinfônica da BBC
Jukka-Pekka Saraste *Regência*
Leonidas Kavakos *Violino*



Série Branca

Série Azul

28 de setembro, terça-feira, 21h 29 de setembro, quarta-feira, 21h

Festa Napolitana: Concerto em Dois Tempos e Cinco Quadros

Primeiro Quadro: Hospital dos Loucos – Carnaval

Canto dei carrettieri – Tradicional

Gagliarda a 4 – Giovanni Maria Trabaci (1575 – 1647)

Pascariello napolitano, canzonetta a 5 voci –
Giuseppe Biffi (final do século XVI, revisão de A. Florio)

Le zingare, cantata para 2 sopranos e baixo-
contínuo – Anônimo (século XVII, revisão de A. Florio)
Maria Grazia Schiavo e Roberta Andalò *Sopranos*

Pazzia venuta da Napoli: la pazza a voce sola –
Pietro Antonio Giramo (século XVII, revisão de A. Florio)
Maria Grazia Schiavo *Soprano*

La Luciata, a 3 voci –
Francesco Mannelli (1595 – 1667)

Il colascione, canzonetta a 3 voci –
Giuseppe Biffi

Segundo Quadro: Canções de Sonho e Melancolia

Pastorale, fragmento instrumental –
Anônimo (revisão de A. Ciccolini)

Ária do Sonho, de *Lo Schiavo di sua Moglie* –
Francesco Provenzale (1624 – 1704, revisão de A. Florio)
Roberta Andalò *Soprano*

Dormite pupille, canzonetta a 5 voci –
Pietro Antonio Ziani (1620 – 1684, revisão de A. Florio)

Figlio dormi, canzonetta a una sola voce –
Jeronumus Kapsberger (1580 – 1651)
Giuseppe de Vittorio *Tenor*

Ninna nonna per prender sonno, instrumental –
Emanuelle Barbella (1718 – 1777, revisão de A. Florio)

intervalo

Terceiro Quadro: Comediantes e Cantores no Teatro de Ópera

Micco con calascione e Cuosmo con violini
(Nápoles, 1673) – Anônimo (século XVII, incluído como Prólogo
em *O Desesperado Inocente*, de F. Boerio, revisão de A. Florio)
Giuseppe de Vittorio e Rosario Totaro *Tenores*

In braccio a mille furie, ária de *Semiramide* –
Leonardo Vinci (1690 – 1730, revisão de A. Florio)
Maria Grazia Schiavo *Soprano*

Se dirá che il suo vago cicisbeo,
ária de *Lo Frate'nnamurato* –
Giovan Battista Pergolesi (1710 – 1736, revisão de A. Florio)
Giuseppe Naviglio *Barítono*

Canzona (instrumental), de *Lo Frate'nnamurato* –
Giovan Battista Pergolesi (revisão de A. Florio)

Dueto de Dorina e Don Calascione, de *La Finta
Cameriera* – Gaetano Latilla (1711? – 1778)
Giuseppe de Vittorio *Tenor*
Giuseppe Naviglio *Barítono*

Fandango – José de Nebra (1702 – 1768)

Quarto Quadro: Ritos e Devoções

Stabat Mater, canto processional –
Tradicional (revisão de G. De Vittorio)

Dialogo dell'Angelo e della Maddalena –
Domenico Arcucci (século XVII, revisão de A. Florio)
Maria Grazia Schiavo e Roberta Andalò *Sopranos*

Quinto Quadro: Grand Finale – Tarantelas

Tarantella della catubba, de *La Cilla* –
Michelangelo Faggioli (1666 – 1733, revisão de A. Florio)
Maria Grazia Schiavo *Soprano*
Giuseppe de Vittorio *Tenor*

Tarantella de Zi Catone, canção napolitana –
Teodoro Cottrau (1827 – 1879, revisão de G. Morini)
Rosario Totaro *Tenor*

Tarantella del Gargano –
Tradicional (revisão de G. De Vittorio)
Giuseppe de Vittorio *Tenor*

Tarantella dei Pastori –
Cristofaro Caresana (1640 – 1709)

Cappella della Pietà de'Turchini

Antonio Florio *Direção Musical e Regência*

Festa Napolitana: Concerto em Dois Tempos e Cinco Quadros

Primeiro Quadro: Hospital dos Loucos – Carnaval

Canto dei carrettieri – Tradicional

Putaiola chi no' tinni
e nun la tratta a putadori.
Da ghe cala lu soli,
belle è ora d'andaccinni.

Pascariello napolitano, canzonetta a 5 voci – Giuseppe Biffi (revisão de A. Florio)

Io songo Pascariello,
figlio di mamma mia
nè posso dicere 'na busia
pe' quanto stimo caro lo cappiello.
E pe' chisto contorno
'sta canzona novella
oh bella Milla,
mille, mille volte bella.

Le zingare, cantata para 2 sopranos e baixo- contínuo – Anônimo (revisão de A. Florio)

No, no non s'innamori
alma che non ha sorte,
fra lusinghe e rigori,
di speranza e di morte
fia ch'in darno si stembre
chi fortuna non ha
sospira sempre.

Cagione del tuo dolore
che fisso nel cor ti sta
è crudo e spietato amore
ch'è figlio della beltà.

Il monte ch'in guardia
tiene la madre d'Amor tiranno
ha linee che sol ti danno
tormenti, dolori e pene.

La luna pur ti minaccia
e crudo Saturno è quello che fiero
s'oppono in faccia
e fassi al tuo cor flagello.
Sovente par che Mercurio
procuri farti felice
ma fugge tosto l'augurio
e poco goder ti lice.

Taci ohimè, taci non più
ch'io lasci d'amare
bellezze sì rare
non sarà mai, no, no
siano eterni miei guai,
sia pur fiero il periglio
chiede aiuto il mio male
e non consiglio.

Taci ohimè, taci non più

Pazzia venuta da Napoli: la pazza a voce sola – Pietro Antonio Giramo (revisão de A. Florio)

Chi non mi conosce
dirà che la mia
sia vera pazzia
che lieta mi fa.
Ma tutto è furore
effetto d'amore
ch'al core mi sta.

[...]

Oh dotti medici, fate un collegio
di me chi sa?
Se virtù trovasi
d'erba e se movasi
ahimè a pietà.
La mente smania
la lingua svara
gl'occhi non dormono
i membri ho languidi
e gran dolore
sento nel core.
Zi', zi' date la voce
olà chi passa amore!
Ah traditore, prendetelo, legatelo
ponetelo in prigione
entr'il mio core.
Ah, se'n fuggì!
Le finestre del core
non ben, serrai
dagl'occhi s'en volò
sia maledetta amore
quell'ora ch'io vidi il mio desio
maledetta il cor mio
chi ama e lo disprezza
maledetta l'asprezza
d'omo così crudele!
E tu, lingua infedele
e tu lingua arrogante
com'hai cotanto ardire
il mio ben maledire
vorrei tagliarti a pezzi
già ch'il mio ben disprezzi
chi non mi conosce...
Ballate o miei pensieri
ch'io sonerò fate vi prego il ballo di fedele
che tal qual sempre fui
sempre sarò no no no.
Fate più presto il ballo di follia
checosì folle è ancor
la mente mia, la la la
non saltar o pensiero
non vedi il tuo gran mal
che a cadere va
chi troppo in alto sale, la la la.

La Luciata, a 3 voci – Francesco Mannelli

Ciaccona

Lucia: Oh sfortunata, chi mi consola?

Sì vuol partire,
sì vuol fuggire
il mio ben, il mio sole, il mio bel Cola,
deh! per pietade, porgetemi aita,
chè già mia vita
a cruda morte dolente m'invita.

Cola: Vidi che parto, Madama Lucia,
voglio fuggire la tua crudeltà.

Ben troveraggio una dama chiù pia,
tutta de mele che buono me sà.

A 2: Non fuie ciervo nè vola lo vento
come fa Cola pe chillo tormento
pe chella faccia che morte mi dà;
e cangia Lucia, la bernovalà, etc.

Ultima risposta: Io chiù non chiango,
nè vivo scontiento,
tutto di gioia
schiattare mi sento,
pe chella faccia che vita me dà;
e viva Lucia, la bernovalà, etc.

Il colascione, canzonetta a 3 voci – Giuseppe Biffi

Oh voi ch'errando gite
se bramate dal core
scacciare il triste umore
a Napoli venite,
che per ogni cantone
si suona il colascione.

Sopra di quello ancora
udirete sovente
cantar sì dolcemente,
ch'Orfeo se n'innamora,
e getta il suo lirone
per darsi al colascione.

Vi fan con le man pronte
contraponti sonando
che fan stupire Orlando (Orlando di Lasso)
e Filippo de Monte,
e con un sol taccone
toccan'il colascione.
L'altri musici presti

a li loro istrumenti
aggiungon nuovi accenti,
con doi cordoni questi
faranno ogni canzone
sopra del colascione.

**Segundo Quadro:
Canções de Sonho e Melancolia**

**Ária do Sonho, de *Lo Schiavo di sua Moglie* –
Francesco Provenzale (revisão de A. Florio)**

Io pur vi miro
floridi prati
poggi adorati
in voi respiro.
Stillate oh monti,
piovete oh fonti
acque perenni
Ch'io qui ne venni
a riposare
ed accoppiare
al mormorio
il pianto mio.
Per non soffrire
d'amor più l'ire
gli occhi non ponno
darsi che al sonno.
Non mi turbate
quivi la quiete.
Non sussurrate:
aure, tacete.

**Dormite pupille, canzonetta a 5 voci –
Pietro Antonio Ziani (revisão de A. Florio)**

Dormite oh pupille,
dormite, dormite,
fra taciti orrori
né deste v'aprite
se voi non sentite
che giunge a svegliarvi
il nume de'cori.
Sognate oh pensieri,
sognate, sognate
il ben per cui moro,
godrò pur felice
che altro non lice
tra l'ombre del sonno

il sole ch'adoro.
Riposa lama mia
riposa, riposa,
tranquilla e festante,
non sia chi ti desti,
sol gioie t'appresti
già faccio pietoso
il nume lattante.

**Figlio dormi, canzonetta a una sola voce –
Jeronumus Kapsberger**

Figlio dormi,
china il ciglio
caro figlio
ricciutello della mamma
del mio petto dolce fiamma.
Mio bambino piccino
fa la ninna, fa la nanna figlio.
Ninna la nanna
amoroso mio tesoro.
Ninna la nanna, ninna nanna
dolce e vago ricciutello
vezzosetto vago e bello.

Sguardi amati dolci sguardi
vivi dardi
del mio figlio
voi col pianto mi piagate
e nel sonno mi beate
mio bambino piccino
fa la nanna fa la ninna figlio.
Ninna la nanna, ninna nanna.
Tirannucci miei bramati
ninna la nanna, ninna nanna
deh chiudetevi innocenti
tirannucci miei cocenti.

Ecco il sonno che l'assale
spiega l'ale
su'l mio figlio
dolce sonno a te ti spetta
tu lo stringi tu l'alletta
mio bambino piccino
fa la ninna ninna nanna
lusingatelo o miei canti
ninna la nanna, ninna nanna
mio dolcissimo tesoro
mio ricchissimo tesoro.

Terceiro Quadro: Comediantes e Cantores no Teatro de Ópera

Micco con calascione e Cuosmo con violini

– Anônimo (incluído como Prólogo em *O Desesperado Inocente*, de F. Boerio, revisão de A. Florio)

M.: Bello tiempo passato
addove s' squagliato,
quanno à Puerto, à le Cenze,
à lo Pennino
nchiattade, vertoluse
e lette rummeche
cantanno vierze aroiche
'no torniello facea
p'ogne pontone,
chiù dell'arpa d'Orfeo
stò calascione.

C.: Veramente è cossì
poccà lo munno
vace sempre à l'areto
facc'io stà rebecchina
che à li meglio leiute
hà fatto guerra
e 'mmo non serve chiù
l'arte stà 'nterra.
Addove è ghiuto mo
lo sio Perillo
co'l fausette suoie? L'arte de lunio
che quanno la chitarra
co 'na destrezza granne isso sonava
fece arrechire Galantonio Cava?

M.: Et io de li poiete
quanta me n'allecordero
che mo sò ghiute à Chiunzo:
sacc'io Giovane della Carriola
la bon'arma di Cicco, lo vavuso
Vattista l'ogliarolo
Nardo lo pomeraro;
Mase lo sgarziariello
lo dottore Chiaese e rafaniello
che pe' napole iea vennenno acito
poeta addotto e museco squesito.

C.: Micco nuei simmo nate
proprio a' scolatura dello Munno
pocc' à lo tiempo d'oiè
pe' destino marditto
musecha è Poesia

so' ghiute à mirto.
Cierte Maste de cappella
songo 'ntutte à tiempo d'oiè
che te fanno renegare,
pocca manco sanno fare
'no Ceccone ò Tarantella
o il Ballo del Bue.

M.: Cuosemo statte zitto
non me fa' iastemà pro vita toia
chisto sarà castigo
che 'nce havarà stipato
quarache mala chianeta
mente schitto è destata
a tiempe nuoste
la feccia d'ogne museco e poeta.
Mò lo sciore è già seccato
de chill'huommene sapute
li poete so' perdute
cà lo munno sta scasato.

C.: Schitto 'nce so' ciert'Asene vestute
che manco te l'ampattano
co' Apollo
songo li corretturi della stampa
se t'le faie sentire no sonetto
se tu gli fai sentire un sonetto,
se votano de brocca
co 'no musso de grancia:
"quella sillaba è sconcia
quello vierbo è sciancato
quel pensiero non vale
oibò, questo concetto è triviale".
Si tu le faie sentire 'na commedia
subeto siente dicere:
"lo stile è sfecatato
l'intrico è mal portato,
quella scena finisce un poco fredda
quell'atto non riesce
questo dramma
non sò si è carne o pesce
o trippa sediticcia",
che perde tiempo
e non le sbatt'en faccie
de stà da mano mmerza
à li mostacce.

C. e M. a 2

C.: Ah, ah! bene mio,

so' sfelettate

M.: De che ride?

C.: so' muorto

M.: parla che n'esca n'urso!

C.: Tu l'haie 'nzertata à piso

M.: come a dicere mò?

C.: Frà 'na mez'ora cierte
compagne nueste
vanno fare n'opera musechesca
meza grave e burlesca
e lloco sentarraie da ste
lengue satire
che taglia lo ferraiolo
à chi 'nce recita
e n'averrà pe' premio
na sarma de vernacchie
(s'io non songo profeta)
lo masto de cappella o lo poeta.

M.: Non te piglià fastidio
ca nuie pure 'nce stammo
à sta 'nzalata
quanta ne sentarimmo
da sti sputa sententie
che stanno apparecchiate
à farence le smorfie è le adescate
perzò buono me pare
primma d'accomenzare
de farence la scusa
cò chesta bella audienza
come s'usa.

M. e C. a 2: Pe' da' gusto à vuie Signore
nuie volimmo accomensare
la comedia et à cantare;
simmo sette bell'umure:
se stò luoco pare astritto
e de caudo n'affocate
o de pressa ve ne iate,
o con freuma, state zitto:
tornarimmo frà tre ora
poco più o poco manco
e se alcun ci beffa un quanquo
puote andarsene in buon'ora.
Mà se vuie 'nce compatite
comme a schiave 'nce legate
cà lo spasso ve pigliate
à la uffa e non spennite:

Perzò nuie ve cercammo 'mpremio
de ste fatiche che facimmo pe buie
'na gratia sola:
perdite pe' tre ora la parola.

**Se dirà che il suo vago cicisbeo,
ária de *Lo Frate'nnamurato* –
Giovan Battista Pergolesi** (revisão de A. Florio)

Se dirà che il suo vago cicisbeo
stava qua caldo caldo infervorato
per poterla vagheggiar.
Poi restato freddo freddo, qual chiafeo
infadato andò a 'mmalor.

Ma non tema che fedele
io saprò qui ritornar.
passarà l'infadamento
perché al fine non ho fele
tenerello come unguento
mollo mollo è questo cor.

Se dirà.....

**Dueto de Dorina e Don Calascione, de *La
Finta Cameriera* – Gaetano Latilla**

Don Calascione
Ad ogni punto io cedo
E tuo, e tuo son già.

Dorina
Ora che mio ti vedo
Mi metto in gravità.

Don Calascione
Vengas a chi mia sduegna.

Dorina
Che chier ostè mio sduogno

Don Calascione
Ti voglio accanto a me..

Dorina
Eccomi accanto a te

A due
O, bene mio, che sento
O, me ne vado in aria.
Va via, va via, levati,
Che già mi fai perir.

Quarto Quadro: Ritos e Devoções

Stabat Mater, canto processional –

Tradicional (revisão de G. De Vittorio)

Stabat Mater
Stabat Mater dolorosa
juxta crucem lacrimosa,
dum pendebat Filius.
Cujus animam gementem,
contristatam et dolentem,
pertransivit gladius.

Dialogo dell'Angelo e della Maddalena –

Domenico Arcucci (revisão de A. Florio)

Angelo
Apri l'occhi, sì, sì
mira le colpe tue, piangi l'errore,
che Dio ch'è tutt'amore
un sol peccavi.
Aspetta per non far del tuo mal
giusta vendetta.

Maddalena
Ohimè che pur è vero,
è non son larve o sonno.
Iddio mi chiama,
Iddio mi parla
e vuol che lasci il mondo.
Su, su mio core
vanne pentito, vanne
al dolce invito del vero amore.
Su, su mio core.

Angelo
Sì, sì ama Gesù.

Maddalena
Et io già son pentita
ardo, avvampo d'amore
già si consuma e mi si bruggia il core.

A 2
Non più dimora
son pronta già
va lieta, va
il duol m'accora.
Di che temi Maria?
Gran timore mi da
la colpa mia.

Angelo
Già conosci l'errore
vanne al tuo Dio
E per tributo dall'in don il core.

Maddalena
E si contenterà?

Angelo
Sì, sì li basta
e t'userà pietà.

A 2
Viva, viva del Ciel somma bontà
amori profani vi manco di fè
Diletti mondani fuggite da me.
Incauto mio core che vuoi da me tu?
Vogli' arder d'amore ma sol per Gesù.
Mondo nulla puoi dar, restat'in pace,
sol la speme del ciel non è fallace.

Quinto Quadro: Grand Finale – Tarantelas

Tarantella della catubba, de La Cilla –

Michelangelo Faggioli (revisão de A. Florio)

Lo capo fa catubba catubba
lo core tappe tappè
ca' roseco 'sti 'mmappe
che spero po'?
'Na foglia!
Lo capo....

Tarantella de Zi Catone, canção napolitana –

Teodoro Cottrau (revisão de G. Morini)

Cu lu core non dicimmo
ca 'nzurare nce volimmo:
dice buono Zi' Catone
chi se 'nzora è nu ciuccione!
Si t'ha pigli longa assaje
e da tutti sentiraje:
T'è pigliata mo l'amica
ghiuste ghiuste pe li fiche.
Si tha pigli cortolella
te fa fa nu sacco e figlie
cu mammane e cu nutrice
tene sempe a casa 'mpiccio!
Nzomma ntutte le manera
sempe guaie è la mogliera.
Dice buono Zi' Catone

chi se n'zora è nu ciuccione.
 Si t'ha piglie ch'è bezzocche
 non te fa spassà nu poche
 e cu na curona mmane
 te fa fa na vita i cane.
 Si t'ha piglie ch'è diavola
 te ncujeta pure a tavola:
 e nu muorzo de magnà
 te lo face tossecà!
 'Nzomma ntutte le manere
 sempe guaje è la moglie:
 dice buono Zi' Catone
 chi se nzora è nu ciuccione!
 Si t'ha piglie troppo grasse
 le ha purtà purzi a spasse:
 si a cussì la saje sta
 e chiù ngrasse e po schiattà
 si t'ha piglie troppo bella
 n'cè ha fa la sentinella:
 si accussì la faje sta
 tutte vanno pazzià.
 'Nzomma ntutte le manere
 sempe guaie è la moglie:
 dice buono Zi Catone
 chi se n'zora è nu ciuccione!

Tarantella del Gargano –

Tradizional (revisão de G. De Vittorio)

Sta donni
 comme dee fari pi amà 'sta donni
 di rose 'nde a fari nu bellu ciardini
 'ntorni di pi 'ntorni lei annammurari.
 Di prete preziose et ori fini
 miezo dela cava na brava funtani
 e ja fa corre l'acqua sorgentivi.
 'Ncoppa ce le mette n'auciello a cantari;
 cantava e reposava e bella diceva:
 pe voi so addivintato n'auciello
 pi fare no sonno accanto a vuje
 bella madonna.
 Me na fatto 'nammurà
 la cammenature e lu parlà
 si bella tu non ive, 'nammurà non me facive
 A pinciuè sta ncagnata che vu da me
 E mammeta lo sape e lo vo'
 dice pure a te.

Tarantella dei Pastori – Cristofaro Caresana

Alle selve alle valli, alle grotte
 adorate sì bella notte,
 alle paglie alla capanna,
 che ogni fiume già scorre manna.
 Alle rupi, alle tane, alle selve
 e mansuete son fatte le belve
 ogni piazza nel mondo è fiorita
 mentre torna nel mondo la vita. Alle selve, alle
 valli, alle grotte
 Vagheggiate, riverite, adorate sì bella notte!
 Tarantola d'abisso, empio serpente
 Or ch'è nato l'Agnello innocente
 la tua forza si abatterà.
 piangi, trema, singhiozza, sospira
 nel tuo regno d'oscurità.
 Viva, viva l'eternità.
 tarantola ch'in cielo il nido avesti
 ma per troppo volar cadesti
 da quel trono di maestà
 or che il Verbo dal cielo è disceso
 il tuo dente non ferirà.
 La superbia così va!
 Tarantola ribelle, fulminata
 or che in terra la luce è nata
 nova fiamma ti struggerà!
 Si raddoppino a te le catene
 or che ha l'uomo la libertà:
 chi pugna col cielo mai vincerà!
 Or che al bosco fiorisce ogni pianta
 or che al prato fiorisce ogni stelo
 or che in cielo risplende ogni stella
 replicate la tarantella!
 Alle selve, alle valli, grotte,
 adorate sì bella notte.
 Alle balze, alle sponde, ai ruscelli
 scotono i zefiri gli arboscelli.
 fa l'erbette fiorire nel prato
 l'alto monarca che in terra è nato.
 Ai campi, alla riviera,
 ride il verno la primavera.
 Alle selve, alle valli, alle grotte,
 vagheggiate, riverite, adorate sì bella notte!

● Próximos Concertos

Sala São Paulo

Les Arts Florissants

William Christie *Regência*

Orquestra, Coro e Solistas

1 de outubro, sexta-feira

Charpentier Ópera David e Jonathas:

Música e Drama em Cinco Partes

2 de outubro, sábado

Charpentier Díptico Sacro:

Grand Office des Morts

e Te Deum para Coro Duplo e Orquestra

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2004 encontra-se disponível em nosso site www.culturaartistica.com.br uma semana antes dos respectivos concertos.

SCA



Mantenedores e Amigos — 2004

Mantenedores

Adolpho Leirner
Adroaldo M. Silva
Affonso Celso Pastore
Alberto Martins
Alexandre Fix
Alfredo Rizkallah
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Annete e Tales P. Carvalho
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Ermírio de Moraes
Antonio Hermann D. M. de Azevedo
Antonio José Louçã Pargana
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Junior
Beatriz Botelho Hime
Carlos J. Rauscher
Carlos Nehring Neto
Carlos P. Rauscher
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Eduardo L. P. R. Almeida
Erico Stickel
Estrela do Mar Participações
Fabio de Campos Lilla
Fabio Carramaschi
Fanny Fix
Felipe Arno
Fernando Carramaschi
Fernando Eckhardt Luzio
Fernão Carlos B. Bracher
George Gerard Arnhold
Gerard Loeb
Helio Mattar
Henrique e Eduardo Brenner
Henrique Meirelles
Israel Vainboim
Jacques Rabinovich
Jayme Blay

Jayme Bobrow
Jayme Sverner
José Carlos Moraes de Abreu
José e Priscila Goldenberg
José E. Mindlin
José Roberto Opice
Lea Regina Caffaro Terra
Livio de Vivo
Luis Stuhlberger
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Villares
Maria Prudência de V. Resende
Mario Arthur Adler
Mauris Warchavchik
Michael e Alina Perlman
Milú Villela
Minidi Pedroso
Moshe Sendacz
Nelio Garcia de Barros
Nelson Zuanella
Oscar Vicente Ferro
Paulina P. Nemirovsky
Paulo Cezar Aragão
Paulo Proushan
Plínio José Marafon
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Roberto e Yara Baumgart
Ruy e Célia Korbvicher
Sérgio Almeida de Oliveira
Sonia Regina de Álvares Otero Fernandes
Theodoro Flank
Thomas Michael Lanz
Vavy Pacheco Borges
Wolfgang Knapp
2 mantenedor anônimo

Amigos

Afonso H.S. Souza Jr.
Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Grain de Carvalho
Alexandre Rauscher
Alice Alves de Lima
Aluizio Rebello de Araújo
Amélia de Giacomo
Ana Lucia Moreto Nogueira
Ana Maria L. V. Igel
Ana Maria Malik
André Luiz Shinji Hayata
Anna Maria Tuma Zacharias
Antonio Carlos Pereira
Antonio Roque Citadini
Arnoldo Wald
Bruno Musatti
BVDA / Brasil Verde Design
Carlos Souza Barros de Carvalhosa
Centauro Equip. de Cinema e Teatro
César Tácito Lopes Costa
Cláudia Lorch
Cláudio Haddad
Cláudio Halaban
Cláudio R. Cernea
Clotilde Rabinovich Pasternak
Dario Chebel Labaki Neto
David Casimiro Moreira
Domingos Durant
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Eduardo M. Zobaran
Eduardo T. Hidal
Eduardo Telles Pereira
Eleonora Mendes Caldeira
Elio Sacco
Elisa Wolinec
Enzio Abruzzini



Fabio Konder Comparato
Felipe e Hilda Wroblenski
Fernando Greiber
Fernando K. Lottenberg
Francisco H. de Abreu Maffei
Fulvia Leirner
George Fukui
Gerry Lingfield
Giovani Guido Cerri
Hannelore Kersten Wolff (in memorian)

Heinz Jorg Gruber
Heloisa Lourdes Alves Motta
Henrique B. Larroudé
Heraldo Luis Marin
Hilda Mayer
Horácio Mário Kleinman
Izabel Sobral
Jaime Pinsky
Jairo Cupertino
Janos e Wilma Kovesi
Jayme Rabinovich
Jeanette Azar
João Batista Raimo Junior
João Gomes Caldas
Jorge e Liana Kalil
José Avelino Grota de Souza
José Luiz de Freitas Valle
José Roberto Mendonça de Barros
Kalil Cury Filho
Katalin Borger
Lelena e Sérgio Mindlin
Leon Reitzfeld
Lia Fukui
Lília Salomão
Lina Saigh Malug
Livraria Cultura Editora Ltda.

Lucila Pires Evangelista
Luiz Roberto de Andrade Novaes
Marcello Delano Bronstein
Marcello Franco
Marco Antonio Fanucchi
Marcos Flavio Correa Azzi
Maria Carolina Brando
Maria de Los Angeles Fanta
Maria de Lourdes A. Machado
Maria Helena de Albuquerque Lins
Maria Luiza Loyola Colin
Maria Malta Campos
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Igel
Maria Tereza Gasparian
Marianne e Ruy George Fischer
Mário Higino N. M. Leonel
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Neli Aparecida de Faria
Nelson Vieira Barreira
Olga Tieppo
Oscar Lafer
Paulo Tomas Diamant
Paulo Yokota
Rafael Jordão Motta Vecchiatti
Ramiro E. Andreotti Gomes Tojal
RCS Auditores
Regina Weinberg
Ricardo Ramenzoni
Roberto Bumagny
Roberto Calvo
Roberto Mehler
Rogerio Ribeiro da Luz
Rubens Halaban
Rubens Muskat
Rui Fontana Lopez

Ruy Souza e Silva
Sae Laboratório Médico
Sandra Elkis Cambur
Sérgio Leal Carvalho Guerreiro
Tamas Makray
Tarcísio Vieira Ramos
Terezinha Naves de Oliveira
Thomaz Farkas
Thyrso Martins
Ulysses P. Eduardo Jr.
Walter Ceneviva
19 amigos anônimos

Lista atualizada em 17 de setembro de 2004

**Para você que
não consegue
ouvir música
no carro
porque o barulho
do motor
não deixa.**

**Consultor Automotivo Itaú Seguros.
O jeito mais fácil de saber tudo o que você precisa
para arrumar o seu carro. Consulte seu corretor.**

Itaú Seguros



Festa Napolitana

Concerto em Dois Tempos e Cinco Quadros – Guia do Ouvinte

Nápoles e a festa: binômio inseparável que determina cada época da história milenar dessa cidade que é um “palimpsesto” (*papiro ou pergaminho cujo texto primitivo foi raspado, para dar lugar a outro*) de culturas e gentes. Antropólogos e historiadores que estudaram, há algum tempo, as formas e manifestações peculiares da festa no Sul da Itália (ver G. Galasso, *L’Altra Europa*, Milano, 1982) afirmam que muitos indícios de uma ritualidade evidente ainda nos dias de hoje são elementos que sobreviveram a um período histórico particular, no qual se cristalizou um “sistema de festas” que regulava e determinava a vida cotidiana da cidade na época espanhola (1503 – 1734), em ordenada e equilibrada relação de contradição/complementaridade entre sacro e profano, típica das civilizações do Mediterrâneo.

Esses dois elementos de contraste se complexam ainda mais numa cidade rica de elementos simbólicos sobrepostos (como sua arquitetura, que procedia por sobreposições de edifícios e camadas das habitações), derivados da sucessão de culturas que caracterizam sua história.

A Nápoles “espanhola” foi o laboratório onde essas experiências sobrepostas conseguiram fundir-se num tapete ritual unitário, que a partir daquele momento passou a caracterizar a vida coletiva. Nas crônicas dos viajantes, a admiração pela quantidade de festas populares, um calendário praticamente cotidiano, iguala-se à perplexidade provocada pela massa de gente em movimento. A cidade se desenvolveu verticalmente para abrigar a multidão de habitantes que se multiplicava de forma exponencial do começo do século XVI em diante: a vida dos napolitanos não podia se desenvolver senão nas ruas, nas praças, no porto, à beira-mar ou em qualquer lugar onde houvesse espaços abertos o bastante para conter aquela multidão crescente, à procura do mínimo necessário para sobreviver – ar, alimento, trabalho e sobretudo diversão, antídoto à crônica dificuldade existencial daqueles que nada possuem. O clima ameno do “golfo mais belo do mundo” permitia a vida ao ar livre durante quase o ano todo, e houve categorias sociais que se especializaram em viver nessas condições, como os *lazzari* o *lazzaroni*, protagonistas da literatura romântica mais tardia sobre Nápoles.

Como nos mercados orientais, a cidade ao ar livre era um movimento contínuo de pessoas e vendedores de quase tudo, inclusive de mulheres, uma cidade agitada por ladrões, assassinos, cafajestes, escravos das galeras, a tocar instrumentos barulhentos, e por paradas militares e religiosas que tentavam, inutilmente, evangelizar um povo “pagão”. Depois, havia os nobres e os espanhóis, com seus cortejos e ritos, a utilizar as muitas ocasiões que o calendário ritual oferecia para se exibirem ao público, enquanto disputavam entre si para ver quem construía os portões mais chamativos para seus palácios (sem cuidar do resto da casa, como se se tratasse de uma ilusão teatral). A corte de cada governador ao longo do tempo considerava com

seriedade e atenção o humor do povo das ruas, participando dos rituais coletivos segundo as etiquetas apropriadas às cerimônias civis ou religiosas.

Em Nápoles, mais do que em qualquer outra cidade da Idade Moderna, cada momento da existência humana, sem diferenças de classe social, é transmutado em ocasião para uma festa pública: do batizado ao casamento, do aniversário à onomástica (mesmo de um rei longínquo) e ao rito fúnebre, com suas exéquias e catafalcos. Multipliquemos tais ocasiões por centenas de milhares de habitantes, depois somemos as festas religiosas do ano litúrgico (divididas em maiores, menores, de bairro e de cada igreja, capela ou ordem religiosa) e, por fim, acrescentemos as ocasiões excepcionais, como visitas de embaixadores ou soberanos, indulgências, casamentos reais e todas as demais oportunidades que se apresentassem. Chegou-se a tal ponto, que eventos funestos que atingiram frequentemente a cidade na época barroca foram atribuídos ao desrespeito às festas: a Peste de 1656, na opinião popular, fora causada pela redução das festas oficiais, proposta pelo vice-rei espanhol para diminuir o absentismo dos empregados públicos.

Havia, naturalmente, festas e festas. As maiores do ano, que envolviam toda a massa da população, eram bastante distintas: Carnaval, Natal, Páscoa, *Corpus Cristi*, Pentecostes, Assunção e, também, algumas comemorações de santos considerados “principais”, categoria destinada a uma espécie de inflação, dada a multiplicação exponencial dos santos padroeiros da cidade, fenômeno paralelo ao incremento de sua população. Se no início do século XVII os santos protetores oficiais eram ainda apenas oito, no final desse mesmo século já eram 22, aos quais se somam hoje outros 50. As festas mais populares, contudo, ficaram ligadas aos cultos arcaicos, correspondentes aos ciclos das



estações: *San Giovanni a Mare*, *Santo Antonio Abate*, as oito Festas Anuais da Santíssima Virgem Maria (inclusive *Piedigrotta*) e, sobretudo, as três Festas de *San Gennaro*. Nem mesmo o período da Quaresma conseguia impor silêncio aos napolitanos, quando o calor do verão levava as festas *spassi* ao mar, junto ao espelho d'água de Posillipo. Se é certo que praças e ruas foram o primeiro lugar do espetáculo, os napolitanos não se contentaram com isso e construíram verdadeiros teatros fechados, onde era possível assistir, com maior paixão, a espetáculos em que se inseriam, em tom de paródia, as representações deles mesmos e dos próprios gestos.

A ópera musical veneziana foi sistematicamente adaptada ao uso local, para se transformar em produto peculiar do teatro napolitano do século XVIII, a comédia-bufa. Os religiosos, por sua vez, não ficavam somente a olhar: uma vez que por meio da festa pública era possível alcançar consensos, eles apressaram-se a transformar igrejas e capelas em outros tantos teatros, nos quais os gestos e os sons valem mais do que os textos sacros para atrair multidões de fiéis.

Poderiam os governantes ter ficado para trás nesse trajeto? Certamente que não, tanto que após terem estabelecido taxas sobre jogos e amores ilícitos nos teatros públicos e nas ruas adjacentes, apressaram-se, eles mesmos, a abrir teatros para mantê-los sob controle. Mas não era possível controlar uma população inteira. Ainda hoje, cada napolitano se considera um ator *in pectore*, orgulhoso de seus gestos e de sua natural máscara antrópica. *Pulcinella*, "o filósofo que se dizia louco", encarna com perfeição o costumeiro dualismo entre sacro e profano, ponto de partida de nossas considerações neste texto. Benedetto Croce não deixava de advertir que Nápoles fora sempre considerada um "Paraíso habitado pelos diabos", e aqui a imagem da festa se torna ambígua. Os viajantes

Iluministas que provinham do norte da Europa expressaram, muitas vezes, horror e escândalo com respeito a costumes que julgavam primitivos, quase animais, nas festas de massa, como a *cuccagna* (pau-de-sebo) ou certas procissões rituais de fundo sexual. Entretanto, a singularidade de Nápoles em relação às outras capitais européias, que limitam as festas a um momento de transgressão controlada (o Carnaval com as máscaras, por exemplo), repousa exatamente na dimensão libertadora contínua da própria festa durante o ano todo, que exteriormente depende de manifestações de natureza alimentar (ocasião para comer e armazenar comida, sobretudo para aqueles que vivem na pobreza constante), mas que na realidade mascara a sobrevivência de rituais ancestrais orgiásticos do paganismo mediterrâneo, quase como uma alternativa consciente ao poder constituído. Se o encerramento da festa napolitana abriga sempre uma dimensão alimentar, como nos filmes de Totò e Peppino De Filippo, sua trilha sonora tem importância imprescindível para desencadear a dança e a diversão, ou para destacar seus aspectos mágicos e rituais. Historiadores da música, antropólogos, etnólogos e etnomusicólogos do passado – ocupados em criar categorias cômodas, como "música culta" e "música popular" (ou, recentemente, "música antiga" e "música barroca") – jamais conseguiriam orientar-se, com seus meios, no *melting pot* da música napolitana da Idade Moderna.

Mas os *Turchini* – grupo fundado e dirigido por Antonio Florio há mais de 15 anos – conseguiram alcançar esse objetivo, acolhendo a sempre presente ambivalência musical da festa napolitana, considerando ao mesmo tempo os músicos cultos de capela e os atores barulhentos e improvisadores da *commedia dell'arte*, (cujo mundo é descrito magistralmente no Prólogo – do século XVIII – *Micco con calascione e Cuosmo con violin*). Consideremos também as

tarantelas, dança-símbolo da tradição partenopéia (*nome antigo da região em que se assentaria a cidade de Nápoles*): a entonação popular das *Tarantelle del Gargano* (ainda vivas na Puglia) baseia-se em módulos que remontam, sem dúvida, ao século XVII, no qual o músico de capela Cristoforo Caresana inseriu a dança em sua extraordinária Cantata de Natal, intitulada, precisamente, *La Tarantella*. Outro elemento a unir música e festa é o Carnaval, tempo de loucura: e assim *La pazzia venuta da Napoli* (A loucura vinda de Nápoles), de Giramo, difundiu-se em toda a Europa, por meio dos comediantes, em meados do século XVII. E o que dizer, ainda, de outra moda introduzida pelos napolitanos, meio século mais tarde, a partir da Cilla de 1706 (a mais antiga fonte encontrada por Florio): a *commedeja ppe mmuseca*, da qual nascerá a ópera cômica em língua napolitana do século XVIII, difundida nos teatros europeus por compositores famosos, como Vinci, Pergolesi e Di Majo, e pelas desinibidas *canterine*, eficazes alternativas à supremacia artística dos *castratti*. Mais tarde, em enésima transformação, as canções de festa irão ressoar nas alegres salas napolitanas do século XIX, dando origem ao tão conhecido fenômeno da “canção napolitana”. Vocês se lembram de um velho e extraordinário filme do pós-guerra, *Carosello Napoletano*? O projeto aqui apresentado tem muitos pontos em comum com aquele poético e barulhento retrato.

O panorama sonoro resultante das diversas aproximações do programa deste concerto é de tal modo variado, que se torna impossível a qualquer análise ignorar o caráter funcional próprio da festa coletiva, sem espaço nem tempo, válida ontem como hoje. Ouçamos com atenção essas composições que corriam o risco de continuar mortas, em meio à poeira dos manuscritos musicais das bibliotecas; observemos esses cantores-atores-intérpretes no palco, renascidos das cinzas de seus progenitores (originalmente,

i Turchini eram os alunos do mais importante dos quatro Conservatórios da Nápoles barroca, sempre chamados a se exhibir em todas as principais festas públicas da cidade). Por meio de sons e gestos de sempre, forjados sobre a dupla alma da cidade de Nápoles – uma lânguida e melancólica, outra solar e entusiástica –, será mais fácil também para os napolitanos de hoje compreenderem a imensa e excepcional beleza das sobreposições urbanas naquele palimpsesto que se chama Nápoles, capital desde sempre, mesmo sem reino.

Comentários por Dinko Fabris



Edição Rui Fontana Lopez
Design gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. de Almeida
Traduções Eduardo Brandão
Fotos dos artistas Divulgação
Assistente de design e fotos de monumentos Frederico Perret
Edição eletrônica BVDA / Brasil Verde
Fotolitos e impressão OESP Gráfica

Em homenagem aos 450 anos da fundação de São Paulo, os programas de nossa *Temporada 2004* são ilustrados com fotos de monumentos públicos da Cidade nos quais a música aparece como tema ou detalhe.

BANCO SAFRA.

TRADIÇÃO

TAMBÉM

EM CULTURA.

Banco Safra.
Patrocinador da Sociedade de Cultura Artística.



Banco Safra

Tradição Secular de Segurança



Durante o espetáculo, favor não fumar, não fotografar e

NÃO COMENTAR

sobre o mercado de ações com a pessoa ao lado.



CBLC
Companhia Brasileira
de Liquidação e Custódia



BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

É com grande orgulho que, mais uma vez, patrocinamos a Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.